



Estrelas em Pauta: Revisitando o Protagonismo Negro na Corrida Espacial da Década de 1960

Autoria

Fernanda Costa Silva - fernandacorr@s.yahoo.com.br

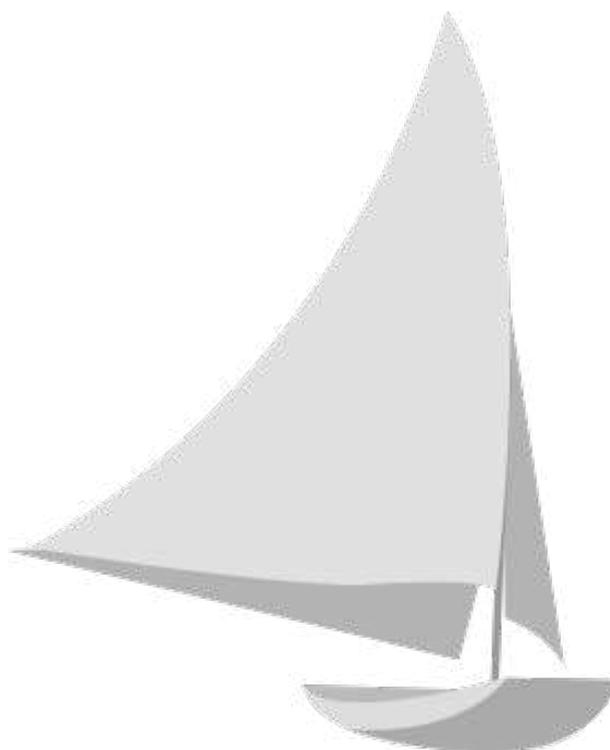
Prog de Pós-Grad em Admin - PPGA/CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Admardo Bonifácio Gomes Júnior - admardo.jr@gmail.com

Resumo

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi revisar o protagonismo negro na corrida espacial da década de 1960, recontando as histórias de vida de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson. Para tanto, utilizou-se da narrativa do filme Estrelas Além do Tempo (Hidden Figures). Especificamente, pretendeu-se alinhar as histórias de vida das protagonistas do filme com os fenômenos sociais vivenciados na época no contexto estadunidense, destacando os aspectos que contornavam a segregação racial vivenciada no país. No filme, utilizou-se um formato narrativo que permitiu sobrepor aspectos de maior representabilidade para o desenvolvimento do estudo. As histórias foram recontadas, com aspectos de sublimação dos efeitos cinematográficos. Nas considerações realizou-se o alinhamento dos pressupostos teóricos que sistematizaram o desenrolar das práticas e do contexto social vivenciado pelas três protagonistas, conforme as suas cinebiografias.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Biografia. Narrativa Fílmica. Análise Fílmica.





Estrelas em Pauta: Revisitando o Protagonismo Negro na Corrida Espacial da Década de 1960

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi revisitar o protagonismo negro na corrida espacial da década de 1960, recontando as histórias de vida de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson. Para tanto, utilizou-se da narrativa do filme *Estrelas Além do Tempo* (*Hidden Figures*). Especificamente, pretendeu-se alinhar as histórias de vida das protagonistas do filme com os fenômenos sociais vivenciados na época no contexto estadunidense, destacando os aspectos que contornavam a segregação racial vivenciada no país. No filme, utilizou-se um formato narrativo que permitiu sobrepor aspectos de maior representabilidade para o desenvolvimento do estudo. As histórias foram recontadas, com aspectos de sublimação dos efeitos cinematográficos. Nas considerações realizou-se o alinhamento dos pressupostos teóricos que sistematizaram o desenrolar das práticas e do contexto social vivenciado pelas três protagonistas, conforme as suas cinebiografias.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Biografia. Narrativa Fílmica. Análise Fílmica.

1 Introdução

Katherine Johnson com o seu extraordinário saber matemático, demonstrando aos professores e colegas a simplicidade em realizar cálculos extremamente complexos, ilustra o início do filme *Estrelas Além do Tempo* (*Hidden Figures*). Katherine, criança prodígio que viveu parte da infância na cidade estadunidense de White Sulphur Springs, Virgínia, recebeu ajuda de seus professores e família para encontrar uma escola adequada e que proporcionasse a ela ferramentas de aprimoramento da sua iminente capacidade de se tornar um computador humano.

O filme *Estrelas Além do Tempo* (*Hidden Figures*) foi produzido no ano de 2016, dirigido e escrito por Theodore Melfi, baseado no livro homônimo de Margot Lee Shetterly. O filme retrata a cisão racial entre brancos e negros vivenciada nos Estados Unidos na década de 1960, situação refletida no ambiente profissional da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA). Nas instalações, um grupo de matemáticas negras era obrigado a trabalhar em locais separados dos demais funcionários e a lidar com o preconceito arraigado na instituição, mesmo com todo o destaque intelectual e necessário aos anseios dos Estados Unidos que, na época, disputava a supremacia na corrida espacial com a União Soviética, vivenciada na Guerra Fria.

O presente trabalho utilizou-se da narrativa do filme *Estrelas Além do Tempo* para revisitar o protagonismo negro vivenciado na década de 1960 na NASA. Especificamente, pretendeu-se alinhar as histórias de vida das protagonistas do filme com os fenômenos sociais vivenciados na época no contexto estadunidense, destacando os aspectos que contornavam a segregação racial do país. No filme, utilizou-se um formato narrativo que permitiu sobrepor aspectos de maior representabilidade para o desenvolvimento deste estudo.

A utilização da história de vida como abordagem de estudo é heterogênea e pode configurar-se como uma “prática multidisciplinar e polissêmica” (SOUZA, 2006, p.23). Entendeu-se que o método biográfico, assim como relatado por Souza (2006), possibilita a recuperação de singularidades por meio da narração das histórias desses sujeitos históricos como construtores de suas próprias histórias bem como da história coletiva, considerando o seu posicionamento sociocultural.

Ricoeur (1983) pontuou ser necessário e merecido que vidas humanas sejam contadas. Aqui, as vidas de três mulheres foram recontadas, revisitadas sob um prisma novo em que a tela sublimou as suas vivências, proporcionando outros elementos de análise em tempos que “o ponto de vista do proletariado é o horizonte científico de nossa época” (LOWY, 2000,



p.209). Nessa perspectiva, conforme destacou Lopes (2013), histórias de vida se constituem fundamentalmente da sua diferenciação dos relatos oficiais. Assim “As histórias de vida vão além de uma simples sucessão de fatos cronológicos que remetem a uma concepção empobrecida e ossificada da realidade social” (LOPES, 2013, p.72).

Entendeu-se, ainda, que a narrativa fílmica assim como a análise fílmica, mesmo ainda recentes no ambiente acadêmico brasileiro, tem-se despontado como ferramentas importantes para o entendimento de eventos, como metodologias de ensino ou para, simplesmente, ilustrar e/ou retratar acontecimentos que permeiam a sociedade como os fenômenos sociais vivenciados (CARVALHO, 2009).

A reprodução cinematográfica não é vislumbrada apenas como expressão cultural, mas também como representação da realidade percebida (BARROS, 2011), além de colocar o telespectador em um lugar privilegiado para a promoção do pensamento e reflexão acerca do que está sendo retratado (ALMEIDA, 2015), por meio de técnicas de inserção de elementos que transmitam efeitos sensitivos (PENAFRIA, 2009).

Ademais, o uso da análise fílmica amplia a percepção do registro da obra; permite ao telespectador usufruir melhor o seu conteúdo (VANOYE; GALIOT-LÉTÉ, 2008) e no âmbito do presente trabalho foi utilizada como fio condutor de uma narrativa alinhada aos pressupostos teóricos que sistematizaram o desenrolar das práticas imbuídas em um contexto social.

2 Contextualizando os Momentos Históricos Retratados no Filme

A década é 1960 e o ambiente da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) é permeado pelos anseios de um governo intencionado a vencer uma disputa pelo controle espacial com a União Soviética, período denominado pela história como Guerra Fria. A Guerra Fria estabelecida entre os Estados Unidos e a União Soviética não se tratava apenas da busca pela superioridade militar, mas também pelo empenho dos dois países em demonstrar a supremacia no ramo da ciência e tecnologia frente a uma política global (SLOTTEN, 2002). A União Soviética, ao despontar na corrida espacial, lançando satélites na órbita terrestre, o Sputnik 1 e em seguida o Sputnik 2, alavancou uma reação da população estadunidense que cobrava do governo resultados do país em relação ao domínio do espaço. Os Estados Unidos detinham financiamento e aparato científico, mas permaneciam na retaguarda em relação aos feitos dos soviéticos no início da corrida espacial, por problemas organizacionais (CARLEIAL, 1999).

No ano de 1961, a União Soviética protagonizou outro marco, o lançamento do primeiro humano em um vôo orbital.

Em abril de 1961, meros três anos e meio depois do Sputnik 1, a URSS noticiou o vôo orbital de Yuri A. Gagarin a bordo da Vostok 1, abrindo uma nova fase da conquista espacial, fascinante e dispendiosa, que culminaria com o pouso de astronautas na Lua (CARLEIAL, 1999, p.24).

Em relação às questões sociais, a década de 1960 é marcada por grandes acontecimentos que envolveram parte das construções de ações afirmativas nos Estados Unidos (CONTINS; SANT’ANA, 1996). A promulgação da Lei dos Direitos Civis (*Civil Rights Act, 1964*) que proibiu a discriminação racial nos Estados Unidos é vislumbrada como uma das maiores conquistas de alteração dos direitos civis, permitindo o uso comum por brancos e negros de espaços, escolas, transporte, restaurantes, dentre outros estabelecimentos. Dois dos principais líderes desse movimento foram Martin Luther King e Rosa Parks.



No caso dos Estados Unidos, por exemplo, medidas em prol do acesso igualitário ao trabalho ganharam espaço na agenda pública nos anos 1960, em resposta à luta pelos direitos civis. Os governos Kennedy e Johnson, de 1961 a 1968, introduziram leis – dentre as quais, o *Civil Rights Act*, de 1964 – que proibiam as diversas agências governamentais de discriminarem seus candidatos a emprego com base em cor, religião e nacionalidade, estimulando-as para que usassem de ação afirmativa na contratação de seus empregados (ALVES; GALEÃO-SILVA, 2004, p.22).

O termo “ação afirmativa” (CONTINS; SANT’ANA, 1996; ALVES; GALEÃO-SILVA, 2004), tem origem estadunidense e foi associado à dessegregação e à ampliação dos direitos civis aos cidadãos negros. A segregação vivenciada no país, bem como o cerceamento de direitos à população negra ultrapassavam o campo social, sendo o racismo uma vivência comum em ambientes de trabalho. O racismo trata-se do reducionismo cultural do indivíduo considerado diferente por portar algum traço físico externo. Constitui-se em um processo hierarquizado, excludente e discriminatório em que o fator biológico é re-significado e analisado como o responsável por definir padrões comportamentais (LIMA; VALA, 2004).

Nas produções cinematográficas, a década de 1960 é marcada por filmes de espionagem e máquinas do tempo na condução da vida humana (CUNHA; GIORDAN, 2009). Em relação às produções de grandes sucessos que ditaram a moda da época, principalmente a alta costura e acessórios de luxo, destacou-se o filme *Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's)*, 1961), cuja personagem usava como figurino principal “vestido preto de tafetá de seda, com brincos e colares de pérolas”. Tal figurino tornou-se um marco da época, simbolizando a sofisticação e elegância das mulheres (PETERMANN; DEL VECHIO; BONA, p.4, 2008). Sendo a moda “um dos fenômenos mais influentes da civilização ocidental desde o Renascimento” e, tendo efeito direto nas atitudes das pessoas em relação aos outros e a si mesmas (SVENDSEN, 2010, p.7), no contexto do presente trabalho será destacada para demonstrar a sua lógica inconstante e mutável que “assim como suas diversas manifestações, é invariavelmente explicada a partir dos fenômenos de estratificação social e das estratégias mundanas de distinção honorífica” (LIPOVETSKY, 2009, p.9).

Destacou-se, ainda, um período marcado musicalmente pela disseminação de gêneros musicais como o Jazz, tendo os festivais desempenhado um papel importante nesse papel (FLÉCHET, 2011). A década de 1960 é considerada uma era dourada para o gênero Bebop, que foi uma das correntes mais influentes do Jazz. De acordo com Ciríaco (2017), o Bebop destacou-se como uma corrente de manifestação política dos negros que, na freqüente frustração de presenciarem a desigualdade social e às constantes investidas da indústria musical em transformar os estilos instrumentais oriundos do Jazz em música pop. O Bebop, que surgiu em meados de 1940 (ALBINO; LIMA, 2011), necessitava de um afinado conhecimento técnico musical “que inventava uma música tão difícil para que “eles” (os brancos que sempre se beneficiavam das invenções dos negros) não pudessem alcançar” (LEME, 2005, p.19).

No contexto dos estudos que envolvem a temática Histórias de Vida, o presente trabalho considerou ampliar o relato com as constatações históricas da época, pois conforme Barros e Lopes (2014, p. 42), uma das possibilidades que compreende essa abordagem é a capacidade de “apreender o vivido social e o sujeito em suas práticas, a fim de observar a maneira pela qual ele negocia as condições sociais que lhe são próprias, construtoras do seu mundo que é, simultaneamente, por ele construído”. Nessa perspectiva, captou-se a análise proposta por Enriquez (2005, p.158) de que o campo social é fator preponderante para a existência do indivíduo, sendo este percebido com um “sujeito social”. Da mesma forma, Gaulejac (2014, p.36) pontua que “a compreensão da relação que cada indivíduo entretém com sua própria história necessita de uma análise do sistema social, no qual ele se encontra e do lugar que ele aí ocupa”.



Em complemento aos elementos considerados para o resgate dessas histórias, tem-se a inserção de componentes de análise poética. A análise poética, dentre outras destacadas por Panafria (2009), trata-se de uma análise dos componentes fílmicos inseridos na intenção de acrescentar profundidade e cuja organização é realizada de forma estratégica na produção de efeitos sensitivos, a exemplo dos elementos visuais e sonoros.

A partir dessas constatações que envolveram a narrativa do filme *Estrelas Além do Tempo*, entra em cena as cinebiografias de Katherine Coleman Goble Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Winston Jackson (Janelle Monáe) na NASA.

3 A Narrativa Biográfica do Filme

3.1 Katherine Coleman Goble Johnson

Katherine, uma mulher viúva e mãe de três filhas, integrou o programa da NASA de computadores humanos (*West Computing Group*), equipe que foi coordenada por Dorothy Vaughan. O programa abarcava um rol de mulheres que detinham um alto conhecimento em cálculos matemáticos, engenharia e computação. No período biográfico retratado no filme, o Grupo de Tarefa Espacial (*Space Task Group*) precisou de um matemático especialista em geometria analítica, sendo Katherine a mulher escolhida para a função, já que não encontraram outro funcionário que conseguisse desvelar os cálculos capazes de realizar, também, o feito de enviar um homem ao espaço.

No seu primeiro contato com o Grupo de Tarefa Espacial da NASA, Katherine, já escolhida para compor a equipe e realizar os cálculos de geometria analítica, ao ser conduzida ao local por uma superior, ouviu instruções em relação à sua vestimenta, que deveria ser adequada, sem o uso de jóias chamativas. Poderia, Katherine, utilizar no máximo, um colar de pérolas. Por fim, a superior enfatizou “Nunca tiveram um negro aqui Katherine, não me envergonhe”.

Em silêncio, sem responder à superior, ela se dirigiu ao local para se apresentar, tendo como vigília os olhares de todos que ocupavam o ambiente que ela adentrava. Um dos funcionários confundiu Katherine com a faxineira, entregando-lhe o lixo a ser descartado, sem dar tempo para que ela desfizesse o mal entendido. Ao se apresentar ao superior do setor, Katherine foi incumbida de refazer os cálculos de toda a equipe, sendo obrigada a permanecer no trabalho horas após o seu horário de saída.

O primeiro dia de Katherine no novo setor foi marcado por muitas situações que refletiram a segregação entre negros e brancos da época. Em uma delas, ao perguntar a Secretária onde ficava o banheiro feminino, Katherine obteve como resposta “Eu não faço a menor ideia onde fica o seu banheiro”. Então, ela saiu à procura de um banheiro feminino que contivesse a descrição “*colored ladies room*”, termo utilizado para identificar os banheiros que as mulheres negras poderiam utilizar. Não encontrando nos prédios próximos, já que não havia outras funcionárias negras trabalhando naquele grupo da NASA, Katherine era obrigada a percorrer cerca de 800 metros, até as instalações que abrigava o grupo de funcionárias, do qual ela mesma fez parte, todas as vezes que precisava utilizar o banheiro. As sequências do filme que demonstram a trajetória percorrida por Katherine são embaladas por uma música estilo jazz.

Katherine no início, considerando as peculiaridades do seu novo setor, chegou a questionar se permaneceria nele por muito tempo, mas seguiu firme e pronta para realizar todos os cálculos necessários aos projetos da NASA. Nessa trajetória, deparou-se com um colega que em nada facilitou o seu trabalho. Inconformado pelo fato de uma mulher negra ocupar tal posição e revisar os seus próprios cálculos, o engenheiro chefe da equipe ocultava



várias informações necessárias ao trabalho de Katherine alegando que ela não possuía autorização para ter acesso aos dados confidenciais da NASA. Além disso, é conivente com os demais colegas em separar o café disponibilizado na sala para os funcionários, identificando um bule com a palavra “*colored*”, o que significava que Katherine poderia beber apenas o café contido naquele recipiente.

Atenta a tais ações da sua equipe de trabalho, Katherine foi se destacando a cada dia, realizando os cálculos que nenhum outro funcionário do setor conseguia. Na vida pessoal, Katherine mantinha um vínculo muito amoroso com a sua mãe e filhas com quem residia na região de Hampton, Virgínia. A família se orgulhava muito dela. Em um diálogo com as filhas, é possível perceber que a NASA estava no escuro em relação aos propósitos da União Soviética colocando satélites em órbita. Ao ser questionada por uma das filhas se os russos atacariam os Estados Unidos, Katherine a tranqüilizou e reforçou que as escolas estavam procedendo alguns treinamentos por questão de segurança. Finalizou dizendo “a verdade é que não sabemos o que fazem no espaço”.

A rotina em seu período de folga envolvia idas à igreja, participação de almoços comunitários. Nos momentos de convivência com a comunidade é relatado alguns dos acontecimentos históricos da época na luta pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos. Além disso, Katherine presenciou junto a familiares e amigos a notícia do vôo orbital de Yuri A. Gagarin a bordo da Vostok 1, que conforme relatou Carleial (1999), ocasionou o início de uma nova fase da corrida espacial.

No Grupo de Tarefa Espacial, Katherine continuava a sua jornada a todo momento questionada por colegas, tendo que comprovar a sua capacidade em realizar os cálculos que antes nenhum outro membro da equipe conseguia. Após deter a credibilidade do superior do grupo para se firmar como a principal responsável pelos cálculos do setor, protagonizou um episódio de coragem ao enfrentá-lo quando foi questionada em relação aos seus momentos de ausência do setor.

Superior: Por onde você andou? Sempre que eu a procuro, não está aonde eu preciso. Não é minha imaginação. Aonde você vai todos os dias?

Katherine: Ao banheiro, Senhor.

Superior: Ao banheiro? Ao maldito banheiro? Quarenta minutos todo dia? Faz o que lá? Estamos em T menos zero aqui, eu confio em você.

Katherine: Não tem banheiro para mim aqui.

Superior: Como assim não tem banheiro para você aqui?

Katherine: Não tem banheiro. Não tem banheiro para negros aqui neste prédio ou qualquer outro banheiro antes da ala oeste que fica a oitocentos metros daqui. O senhor sabia? Ah, eu tenho que caminhar bastante para me aliviar; e eu não posso usar as bicicletas. Imagine a cena Sr. Harrison: uniforme, saia abaixo do joelho, salto alto e um colar simples de pérolas. Eu não tenho pérolas. Deus sabe que não pagam aos negros o suficiente para ter pérolas. Eu trabalho feito uma condenada dia e noite, sobrevivendo com o café da cafeteira que nenhum de vocês toca. Então me desculpe se eu tenho que ir ao banheiro algumas vezes ao dia.

Katherine saiu do ambiente em silêncio, e todos assim ficam também. O superior vai até o café e tira o adesivo escrito “*colored*” do bule que era destinado a Katherine. Em seguida, ele vai até a ala oeste onde havia o único banheiro de negros e retira a placa de identificação dizendo para Katherine utilizar qualquer banheiro, de preferência os próximos à mesa dela.

Com o decorrer dos trabalhos, a NASA foi capaz de lançar o primeiro homem, Alan Shepard, em um vôo suborbital. O próximo desafio de Katherine seria ajudar a NASA a enviar outro homem ao espaço, para o primeiro vôo orbital. Katherine então insiste ao seu superior que teria condições em realizar os cálculos para o lançamento de John Glenn - piloto



designado da época para realizar a missão - no vôo orbital, mas precisaria participar de reuniões junto ao Pentágono para que pudesse saber de todas as informações sobre o plano no momento exato da tomada de decisão, pois assim agilizaria o seu trabalho.

Algum tempo depois, com a máquina da *International Business Machines* (IBM), recém adquirida, sendo capaz de realizar a maioria dos cálculos complexos, a função de Katherine passou a ser desnecessária junto ao Grupo de Tarefa Espacial e ela foi dispensada. A equipe, ao se despedir e sabendo do seu recente noivado, deu-lhe um colar de pérolas de presente. Katherine se casou novamente, com o tenente-coronel James A. Johnson, passando a ser conhecida como Katherine Johnson.

Chegou o dia em que John Glenn faria o vôo orbital, porém os dados da máquina IBM foram considerados inconclusos deixando o piloto inseguro sobre a sua trajetória de volta à Terra. Assim, exigiu que Katherine refizesse os cálculos, caso contrário, não pilotaria a cápsula espacial. Katherine, então, é convocada a refazer os cálculos e o faz com brilhantismo, acertando alguns pontos para que John Glenn pudesse realizar o feito de maneira totalmente segura. Após o sucesso do vôo orbital, Katherine, ao ser parabenizada por seu superior é por ele questionada “Então Katherine, acha que podemos ir à Lua?” Ela o respondeu “Nós já estamos lá, Senhor”.

Katherine continuou a realizar cálculos e trabalhos científicos para a NASA. No ano de 2016, a NASA a homenageou com uma instalação em seu nome por seu trabalho pioneiro na viagem espacial. Aos 97 anos, recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade e comemorou com seu marido Jim Johnson o aniversário de 56 anos de casamento.

3.2 Dorothy Vaughan

Dorothy supervisionava o programa de computadores humanos da NASA (*West Computing Group*), mas não era reconhecida formalmente pelo trabalho que realizava. Dorothy teve quatro filhos em seu casamento. No dia em que seu setor foi sondado na tentativa de localizarem um matemático especializado em geometria analítica, Dorothy quem enfatizou à superior que Katherine era a pessoa perfeita para tal função. Dorothy, na oportuna ocasião, questionou a morosidade no reconhecimento do seu trabalho, já que estava atuando como supervisora sem receber e ser nomeada como tal há quase um ano. A superior respondeu Dorothy com a frase “A NASA é assim, rápida com foguetes, lenta com promoção”.

Dorothy sempre prezava pela manutenção da sua equipe na NASA e ao ficar sabendo sobre a possibilidade de fechamento do setor de computadores humanos, com a aquisição de uma grande máquina da *International Business Machines* (IBM), que foi adquirida para realizar cálculos complexos em fração de segundos. Dorothy começou a realizar algumas façanhas na busca pelo aprimoramento de aprendizado da sua equipe, pois acreditava que só assim, tornando-se essenciais, a NASA as manteriam trabalhando. Começou, assim, a sua jornada na leitura e no aprendizado sobre programação computacional.

Os momentos da vida pessoal de Dorothy foram retratados com convivência harmoniosa com igreja, comunidade e familiares. Protagonizou momentos de reflexão junto aos seus filhos em uma sequência que demonstrou a sua ida à Biblioteca para procurar livros sobre programação. Ela e os filhos foram obrigados a se retirarem do local porque teriam ultrapassado o espaço que era destinado aos leitores negros. Dorothy então esconde na bolsa o livro que precisara e ao ser questionada por um dos filhos, enfatiza que ela é cidadã como todos os demais usuários, faz pagamento de seus impostos e, de certa, forma, é proprietária daquele livro também. Ela reflete, ainda, sobre a atitude da polícia em retirá-los da Biblioteca, enfatizando aos filhos que aquilo não era o certo, era o que acontecia, mas não era o certo, para que eles tivessem consciência da situação, pois não fizeram nada de errado.



Com a chegada da máquina, Dorothy começou a entender o seu funcionamento completo. De maneira discreta, ela se entranhava pelo setor à procura de manuais. Autodidata, Dorothy compreendeu todo o funcionamento do recente equipamento e, de maneira planejada, começou a treinar a sua equipe, tornando-a especializada na programação da máquina da IBM.

A máquina foi instalada e não havendo pessoal suficiente que pudesse colocar ela em operação, a NASA foi obrigada recrutar toda a equipe coordenada por Dorothy para trabalhar na programação da máquina da IBM. A equipe de Dorothy foi, um tempo depois, recrutada de forma permanente pela IBM para atuar nas programações necessárias aos anseios da NASA. Dorothy tornou-se a primeira supervisora negra da NASA, sendo considerada uma das mentes mais brilhantes da Instituição.

3.3 Mary Winston Jackson

Mary, uma das mulheres que compunha a equipe de Dorothy, ansiava por sua atuação como engenheira, mas reconhecia a dificuldade disso no tempo em que vivia e percorreu um caminho árduo na busca de seus anseios no decorrer da narrativa.

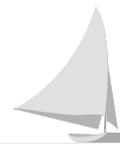
Ao ser informada por Dorothy da sua convocação para o setor de testes de maneira permanente, cujo projeto que participara havia chegado para teste, Mary não disfarçou a sua empolgação, sendo repreendida por Dorothy para que não criasse expectativas de ascensão profissional dentro da NASA para as demais funcionárias.

Mary se direcionou ao setor de execução do seu projeto e ficou encantada ao ver o protótipo e a presenciar os testes iniciais, além de realizar valiosas contribuições na análise posterior. O engenheiro responsável informou que havia outra vaga no programa de treinamento para engenheiros e questionou a ela “Mary, quem tem mente de engenheiro deveria que ser um. Não pode ser um computador o resto da vida”. Mary o respondeu: “Sr. Zielinski, eu sou uma mulher negra. Eu não vou esperar o impossível”. E ele retrucou: “Eu sou um judeu polaco, cujos pais morreram em um campo nazista. Agora estou debaixo de uma nave espacial, que levará um astronauta ao espaço. Podemos dizer que estamos vivendo o impossível”. E complementou: “Se fosse um homem branco, ia querer ser engenheiro”. A esta pergunta Mary respondeu: “Eu já seria um. Não iria precisar querer.”

Os momentos familiares de Mary, assim como os de Katherine e Dorothy foram marcados pela convivência familiar e em comunidade. Teve dois filhos e foi casada com Levi Jackson que, ao saber dos seus anseios e incentivos a cursar Engenharia, posicionou-se contrário. Em um momento de discussão com o marido, Mary é questionada sobre a forma de tratamento dos filhos já que não permanecia muito em casa por conta do trabalho que exercia na NASA. Pediu a Mary que refletisse sobre os seus anseios já que a NASA nunca reconheceu o grupo de negras do seu setor e um diploma não mudaria a questão. Disse ao final “Direitos civis nem sempre são civis”.

Mary, então, se candidatou à vaga de treinamento para engenheiros da NASA disponível, mas os superiores colocaram empecilhos na sua requisição. Mesmo tendo as qualificações e formação necessária, impuseram que, para concorrer à vaga, o candidato deveria ter cursos avançados de extensão na Universidade de Virgínia, na qual não permitia alunos negros. Mary, inconformada com a situação externou à superior “Sempre que temos a chance de avançar, movem a linha de chegada” e como resposta ouviu “eu só sigo as regras por aqui e eu espero que os meus funcionários também as sigam. Não há circunstâncias especiais para ninguém. Devem agradecer por terem um emprego”.

Mary entrou com uma petição na tentativa de conseguir frequentar o Colégio Hampton, local segregado, que tinha os cursos dos quais precisava para entrar no programa de engenheiros da NASA. No estado da Virgínia ainda havia segregação prevista em lei



estadual. Nas sequências que desenrolaram os seus argumentos com o Juiz que procedeu a decisão do seu caso, Mary argumentou sobre a importância em ser o primeiro “A questão, excelência, é que nenhuma negra no estado da Virgínia jamais estudou em um colégio de brancos. Não há registros.” O juiz confirmou tal afirmação e ela continuou:

E antes de Alan Shepard ser colocado em um foguete, nenhum outro americano alcançou o espaço. E agora ele será lembrado como o primeiro homem da marinha de New Hampshire a viajar pelo espaço. E eu, senhor, pretendo ser uma engenheira da NASA, mas não posso fazer isso sem assistir aulas nesse colégio de brancos. E não posso mudar a cor da minha pele. Então a minha única escolha é ser a primeira. E não posso fazer isso sem a sua ajuda. Excelência, de todos os casos que ouvirá hoje qual irá importar daqui a cem anos? Qual deles o tornará mais uma vez o primeiro?

O juiz riu dizendo “Senhor” e autorizou Mary a frequentar somente as aulas noturnas. Mary se tornou a primeira mulher negra a se tornar engenheira da NASA.

4 Considerações sobre as cinebiografias

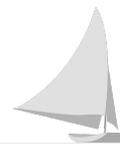
Na intenção de colocar em pauta as estrelas que fizeram parte da história da NASA na corrida espacial da década de 1960, revisitando as histórias de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, extraordinárias mulheres negras que tiveram as suas conquistas resgatadas de forma biográfica, entendeu-se ser necessário apontar alguns dos aspectos sociais da época alinhados à produção cinematográfica do filme *Estrelas Além do Tempo* a fim de estabelecer uma perspectiva mais rica e vasta, projetando a subjetividade dessas três mulheres na compreensão do universo do qual elas fizeram parte (LOPES, 2013).

O filme, apesar de não aplicar a real cronologia dos acontecimentos nas vidas das protagonistas da narrativa, tornou possível retratar os fatos principais que pontuaram a esplendorosa contribuição dessas mulheres na formulação da soberania estadunidense em relação ao domínio do espaço, tendo proporcionado à NASA a possibilidade de desbravar o espaço e de se colocar à frente de uma disputa espacial, destacada por Slotten (2002).

A segregação vivenciada na época foi retratada em várias cenas do filme. Além dos momentos expostos no presente trabalho, destacou-se o momento em que a NASA recebe Alan Shepard, John Glenn e outros dois pilotos da marinha, que se tornariam parte da história estadunidense. A cena mostra o grupo das funcionárias negras separados do grupo de funcionários brancos da NASA no momento da recepção. Em outro momento do filme, Dorothy, ao procurar um livro na biblioteca, foi obrigada a se retirar do local porque havia ultrapassado o espaço que era destinado aos leitores negros.

Algumas das passagens especificadas na sessão três demonstram como o indivíduo negro era constantemente re-significado, em diálogos que evidenciaram o contínuo julgamento de inferioridade em comparação aos brancos, em vivências e relações cotidianas puramente racistas conforme conceituação de Lima e Vala (2004), mesmo em tempos de discussão e aprovação da Lei de Direitos Civis (CONTINS; SANT’ANA, 1996). Os fatos sociais vivenciados na década de 1960 foram considerados como impactantes e significativos nos formatos institucionalizados da NASA, bem como nas relações cotidianas dessas três mulheres no decorrer das suas trajetórias profissionais. Neste sentido, entendeu-se o desenrolar das práticas imersas em um meio social no qual os indivíduos transformam e são por ele transformados (ENRIQUEZ, 2005; GAULEJAC, 2014; BARROS; LOPES, 2014).

Evidenciou-se, na passagem da cinebiografia de Katherine, como um acessório (um colar de pérolas), imbuído nos anseios da população pelo mercado ditatorial da moda, poderia



ser utilizado como um elemento de identificação de classe social, em similaridade ao que foi pontuado por Svendsen (2010) e Lipovetsky (2009).

Do ponto de vista sonoro, sendo o Jazz uma linguagem musical da população negra (LEME, 2005), a trilha do filme proporcionou uma singularidade especial às passagens da narrativa dessas mulheres, complementando de forma a sublimar o relato e a identificar o apontamento de aspectos da análise poética destacada por Penafria (2009). Os elementos sonoros de instrumentos, singulares ao Jazz/Bebop (LEME, 2005; ALBINO; LIMA, 2011), foram organizados de forma a proporcionar ao telespectador as vivências retratadas. Destacou-se o enredo musical de Katherine todas as vezes que ia ao banheiro; a sonoridade da música alinhada aos passos dela percorrendo o trajeto, de forma rítmica, adicionada à genialidade do compositor da letra (Pharrell Williams), explicitava o cansaço de correr e o quão à frente ela estava do seu tempo.

5 Conclusão

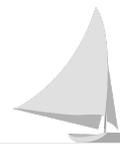
A temática Histórias de Vida abrange uma gama de métodos e aporte teórico que permitem contar/recontar a história do ponto de vista do indivíduo que a vivenciou de forma multidisciplinar. Assim, foi possível realizar uma dinâmica que contemplasse a segregação vivenciada no período alinhada aos pressupostos que sistematizaram o desenrolar das práticas e do contexto das três protagonistas do filme Estrelas Além do Tempo. Entendeu-se que a abordagem proposta promoveu a discussão de aspectos pontuais que marcaram o período e foram retratados na produção cinematográfica.

A questão racial foi evidenciada, mas não totalmente representada, bem como os demais aspectos sociais que circundavam as trajetórias. Considerou-se que as questões que envolvem o social estão em constante transformação e mesmo proporcionando efeito de fio condutor para discussões importantes do ponto de vista não-oficial da historicidade, devem ser apontados em trabalhos dessa natureza de forma equilibrada sob um aspecto intersubjetivo de análise.

Por fim destacou-se, sobretudo, o brilhantismo de três mulheres negras que viveram as suas vidas como construtoras de suas próprias histórias bem como da história coletiva, integrando, também, a história da NASA na corrida espacial da década de 1960.

Referências

- ALBINO, C.; LIMA, S. R. O percurso histórico da improvisação no ragtime e no choro. **Revista Acadêmica de Música**. São Paulo, n.23, jan./ jul. 2011
- ALMEIDA, J. M. Diálogo entre a filosofia e o cinema. **Revista Alceu**, v. 15 - n.30 - p. 168 a 181 - jan./jun. 2015.
- ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.44, n.3 jul./set. 2004.
- BARROS, J. D'A. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.
- BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M.(Org.). **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional** [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014
- CARLEIAL, A. B. Uma breve história da conquista espacial. **Parcerias Estratégicas**, v. 4, n. 7, 1999.



- CARVALHO, C.V. O cinema como objeto de estudo. **Revista Política & Trabalho**, ed.31, p.197-211, set./2009.
- CIRÍACO, F. V. B. Ritornelo: uma história do jazz. 2017. 33f. (**Monografia**). UFOP, Mariana, 2017.
- CUNHA, M. B.; GIORDAN, M. A imagem da ciência no cinema. **Química nova na escola**. São Paulo, v. 31, n.1, p.9-17, fev.2009.
- ENRIQUEZ, E. Psicanálise e ciências sociais. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. VIII n. 2 jul/dez 2005, p. 153-174
- ESTRELAS Além do Tempo**. Direção de Theodore Melfi. Estados Unidos: Fox Filmes, 2016. 1 DVD (127 min.), son., color.
- FLÉCHET, A. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, v.7, n.1, p. 257-271, jun. 2011.
- GAULEJAC, V. A. **A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade**. São Paulo: Via Lettera, 2014.
- LEME, M. R. V. História social do jazz segundo Hobsbawm. **Revista de Estudos Universitários**. Sorocaba, v. 31, n.1, p.9-32, jun. 2005.
- LIMA, M.E.O; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3. Natal, set./dez.2004.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas** Trad.: MACHADO, M. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- LOPES, F. T. Entre o prazer e o sofrimento: histórias de vida, drogas e trabalho. 2013. 190f. **Tese** (Doutorado). Cepead, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- LOWY, M. Conclusão: As paisagens da verdade e a alegoria do mirante. In: LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PENAFRIA, M. Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s). In: **VI Congresso SOPCOM**, 10p., 2009.
- PETERMANN, S.; DEL VECHIO, R.; BONA, R. J. A propagação da moda no cinema: um olhar sobre as grifes em O Diabo Veste Prada. In.: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Natal, set.2008.
- RICOEUR, P. Temps et récit. Paris: Seuil, 1983.*
- SLOTTEN, H. R. Satellite Communications, Globalization, and the Cold War. Technology and Culture, Vol. 43, No. 2 (Apr., 2002), pp. 315-350.*
- SOUZA, C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.
- SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Trad.: BORGES, A. L. X. A. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad.: APPENZELLER, M. 5ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.